

MORRE O BEBÊ IANOMÂMI

Preocupado, governador de Rondônia visita o hospital e admite que só soube do caso quando 32 recém-nascidos já tinham morrido

Ana Beatriz Magno e José Varela

Enviados especiais

Boa Vista — A morte ganhou. Ontem, às 16h30, depois de 15 dias internada, a gêmea ianomâmi, filha de Paulina Ianomâmi, morreu. Os médicos admitiram que foi infecção hospitalar causada pela bactéria *Acinetobacter calcoaceticus*. Com ela, sobe para 33 o número de recém-nascidos mortos na maternidade, 21 deles comprovadamente por infecção hospitalar.

“Eu chorei. Chorei de estresse e tristeza. A Paulina tinha visto a filha um pouquinho antes da morte. Fizemos de tudo”, lamentou a neonatologista Celeste Wanderley, que há cinco dias não dorme e passa todo o tempo no berçário. Celeste e o pediatra Alberto Volponi são os únicos neonatologistas a se dedicarem às cinco crianças contaminadas com a infecção hospitalar.

Preocupado com a situação e chateado com as reclamações do ministro da Saúde, Adib Jatene, que criticou ontem a situação da maternidade, o governador de Rondônia, Neudo Campos, visitou ontem o hospital no final da tarde. Entrou na sala da diretora e passou meia hora conversando com médicos e funcionários da instituição. Ao sair falou com os jornalistas.

“Espero que agora o Ministério da Saúde se sensibilize com o estado”, disse o governador, que admitiu só ter tomando conhecimento do problema no dia 22, quando 32 bebês já tinham morrido.

“O que aconteceu foi um problema de gerenciamento. Foi aberta uma comissão de sindicância que tem a participação de integrantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) para apurar tudo que ocorreu”, explicou o governador, que já havia visitado outras vezes a maternidade. Em 1983, um de seus filhos nasceu lá.

Na comissão de sindicância têm voz e voto apenas funcionários da Secretaria de Saúde. A OAB tem apenas voz. “Isso não tem importância. O importante é que eles estarão lá e será tudo transparente”,

prometeu. Doze minutos depois, a luz acabou na maternidade e o governador foi embora.

FUGA

Aqui é tudo por um fio, duelo de vida e morte, nervos à flor da pele, mães desesperadas com a possibilidade de ver os filhos morrer. Renato — em latim “o que nasceu de novo” — tem 40 dias de vida, pneumonia em dois pulmões e septicemia (infecção generalizada). Ontem, às 13h, a mãe de Renato, Delma Sobral, 19 anos, perdeu a paciência e a cabeça. Tirou o filho da UTI improvisada na pediatria do hospital, botou o menino nos braços, o enrolou num pano e fugiu da maternidade.

Saíram mãe e filho chorando. Não havia mais ninguém da família. “Socorro. Sou sozinha, meu filho está morrendo. Fugi do hospital porque não quero que ele morra lá dentro. Prefiro que morra em casa, ao meu lado”, desabafava Delma, cercada de gente, no bar em frente à maternidade.

Renato tremia, ardia em febre e às vezes virava os olhos, “Tá vendendo? Ele está virando os olhos. Está morrendo”, dizia, em pânico, a menina, moradora de Apiaú, a 109 quilômetros de Boa Vista.

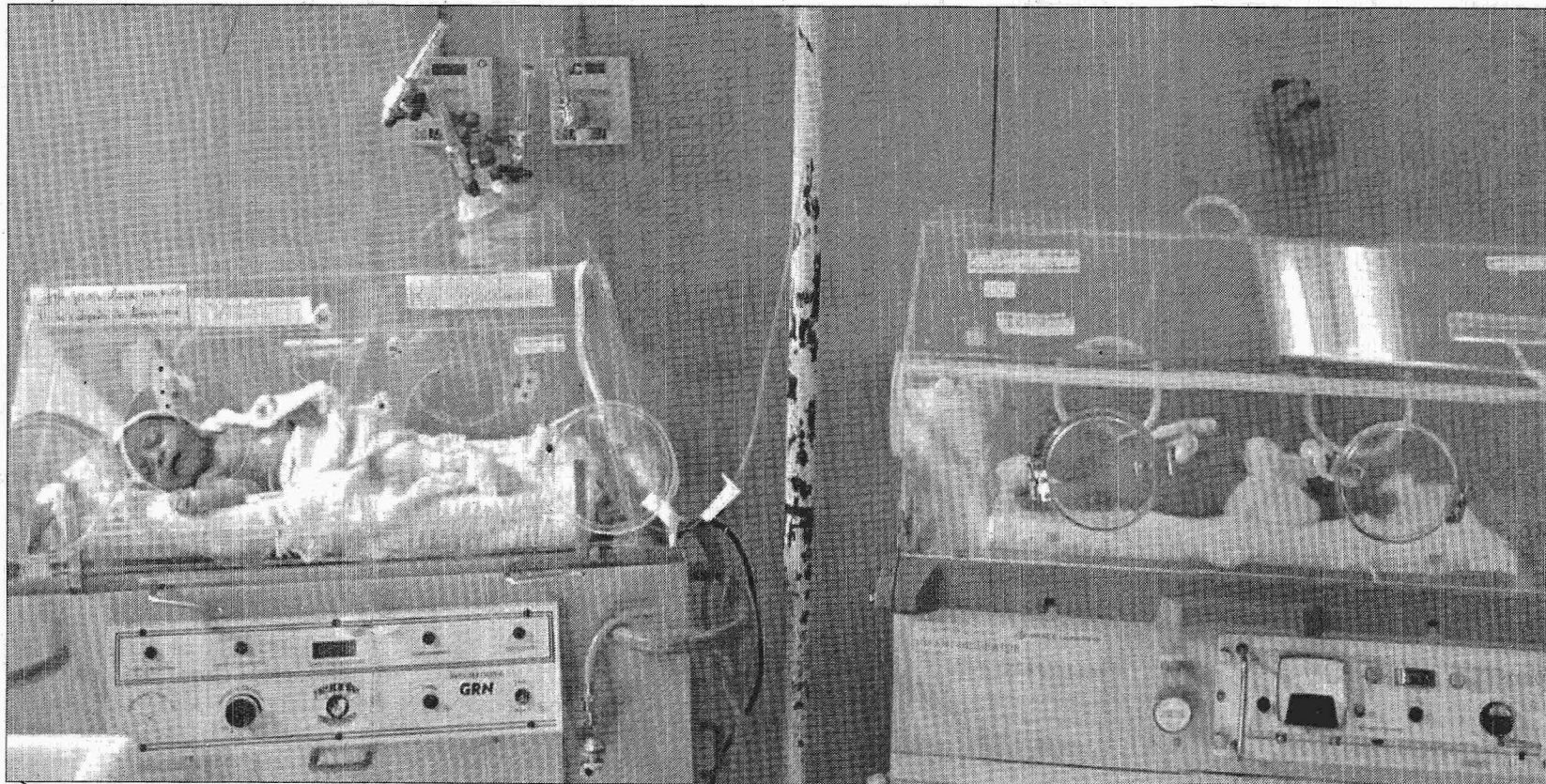
Todos, desde o dono do bar até gente que passava por acaso, tentaram convencer a moça a retornar ao hospital. Foi em vão. “Não volto de jeito nenhum. Vou para minha casa, mas não volto para lá. Não agüento mais ver criança passando mal. Não volto”, dizia desesperada.

DESESPERO

Ao ver que o estado do menino era muito grave, a equipe do *Correio Braziliense* e um homem que passava no momento se ofereceram para levá-la a uma clínica particular, a Loti Iris. Lá, a pediatra Ninpha Salomão foi chamada às pressas. Chegou em oito minutos, ouviu de Delma a história da fuga, examinou Renato e concluiu: “A situação dele é muito grave. Está com septicemia e pneumonia. Precisa retornar à maternidade. Só lá há condições de salvá-lo”.

Delma ouviu e, na frente da mé-

Fotos: José Varela



A direita, a indiazinha ianomâmi, dois dias antes de morrer: ela não resistiu à infecção e engrossou a estatística macabra da maternidade

dica, repetiu a teimosia. “Para lá eu não volto”. A pediatra insistiu, explicou mais uma vez o problema, pediu calma e avisou: “Se você não levar, eu levo. Vamos comigo no meu carro. Você precisa se acalmar e pensar no seu filho. Você não pode tomar essa decisão sozinha e nervosa. Seu filho precisa de cuidados. Vou pedir ao serviço social da maternidade para localizar alguém da sua família”, insistiu a médica, já empurrando Delma para dentro do carro.

Elas entraram no hospital às 15h30 e, graças à doutora Ninpha, Renato foi direto para a UTI e não enfrentou a fila da entrada na pediatria. Até o final do tarde, o quadro de saúde do menino se estabilizara, apesar de grave. “Eu não perdi as esperanças. Ele pode sobreviver. Vou acompanhar o caso de perto. Não vou abandoná-lo”, prometeu a médica.

FEBRE E UTI

Renato nasceu no Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré em 20 de setembro, de parto normal. Passou 24 horas no berçário e no dia seguinte foi para casa, em Apiaú, a 109 quilômetros de Boa Vista.

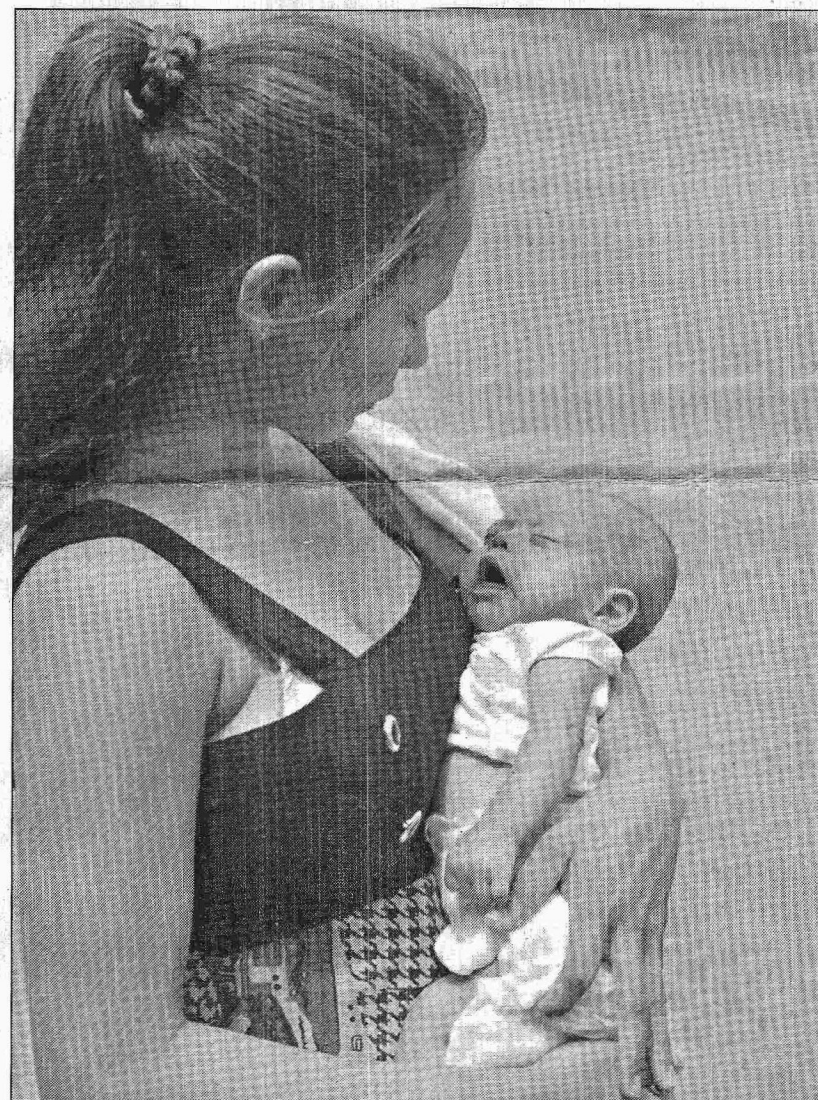
Lá, um dia depois, Delma percebeu que o menino estava com febre e cuspiu sangue. No dia 13, o bebê ainda não tinha melhorado e

os próprios médicos de Apiaú aconselharam a mãe a retornar para o hospital de Boa Vista. Delma obedeceu.

“Voltei para Boa Vista, fui para a maternidade e meu filho foi para a UTI. Disseram que ele estava com pneumonia. No início da semana, ele melhorou, saiu da UTI e a médica até disse que ia dar alta”, conta a mulher.

Ontem Renato piorou de novo e Delma se desesperou quando um médico alto e magro foi pegar o menino para levá-lo à UTI. “Ele me disse que os remédios que a outra médica da maternidade tinha receitado para ele estavam todos errados e ele ia para a UTI. Não agüentei, peguei meu filho e fugi”, disse Delma, minutos antes de ser convencida a retornar para a maternidade.

O secretário adjunto de Comunicação do governo, Rui Figueiredo, que desde a semana passada acompanha tudo que se passa na maternidade, garantiu que a mãe receberá toda assistência. “Ela me explicou que fugiu sozinha do hospital e pediu socorro no meio da praça. Toda essa confusão de mortes aqui dentro está deixando as mães muito nervosas. É compreensível que elas fujam”, disse Rui, enquanto Renato fazia de tudo na UTI para fazer jus ao nome e nascer de novo.



Delma com o bebê Renato: fuga da maternidade com medo que ele morresse